



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 2, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

**EIXO 2 - EDUCAÇÃO E INCLUSÃO. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS.
POLÍTICAS AFIRMATIVAS. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS.
EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS. EDUCAÇÃO PARA A PAZ.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://doi.org/10.29380/2020.14.02.20>

Recebido em: **06/08/2020**

Aprovado em: **07/08/2020**

ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA DO ESTUDANTE SURDO NO ENSINO MÉDIO
DESAFIOS E POSSIBILIDADES; Scientific Literacy of the deaf student in High School
challenges and possibilities; Alfabetización Científica del estudiante sordo en la Escuela
secundaria desafíos y posibilidades

DAVID FARIAS SILVA

<https://orcid.org/0000-0002-7667-8964>

JANAYNA SOUZA

<https://orcid.org/0000-0002-8947-5015>

Resumo

O trabalho discute sobre os desafios enfrentados pelos estudantes surdos ao aprender biologia, e algumas teorias, conceitos e exemplos que sirvam aos professores para formarem seu próprio juízo sobre os problemas apresentados na sala de aula. Assim, este trabalho teve como objetivo colocar e analisar os principais desafios que os professores informaram encontrar ao ensinar Biologia para os estudantes surdos em sala de aula regular. Utilizamos como metodologia o estudo qualitativo e bibliográfico e como referencial teórico o construto de duas áreas: Ensino de Ciências pela via da Alfabetização Científica; e pela pedagogia inclusiva. Como resultados, encontramos cinco desafios que impedem o professor de Biologia de ensinar de forma qualitativa aos estudantes surdos. Em seguida, sugerimos cinco possibilidades para enfrentar esses problemas.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem, Ensino de Ciências, Educação Inclusiva

Abstract

The work discusses the challenges faced by deaf students when learning biology, and some theories, concepts and examples that serve teachers to form their own judgment about the problems presented in the classroom. Thus, this work aimed to place and analyze the main challenges that teachers reported meeting when teaching Biology to deaf students in a regular classroom. We use as methodology the qualitative and bibliographic study and as a theoretical reference the construct of two areas: Science Teaching through Scientific Literacy; and for inclusive pedagogy. As a result, we found five challenges that prevent the biology teacher from teaching qualitatively to deaf students. Next, we suggest five possibilities for addressing these problems.

Keywords: Teaching and learning, Science teaching, Inclusive education.

Resumen

El trabajo discute los desafíos que enfrentan los estudiantes sordos cuando aprenden biología, y algunas teorías, conceptos y ejemplos que sirven a los maestros para formar su propio juicio sobre los problemas presentados en el aula. Por lo tanto, este trabajo tuvo como objetivo ubicar y analizar los principales desafíos que los maestros informaron enfrentar cuando enseñaban biología a estudiantes sordos en un aula regular. Utilizamos como metodología el estudio cualitativo y bibliográfico y como referencia teórica la construcción de dos áreas: la enseñanza de las ciencias a través de la alfabetización científica; y para la pedagogía inclusiva. Como resultado, encontramos cinco desafíos que impiden que el profesor de biología enseñe cualitativamente a estudiantes sordos. A continuación, sugerimos cinco posibilidades para abordar estos problemas.

Palabras-clave: Enseñando y aprendiendo, Enseñanza de las ciencias, Educación inclusiva.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu do diálogo mantido entre os autores e os professores de Ciências Naturais e Biologia que atuam como docentes supervisores dos Estágios Supervisionados desenvolvidos na parceria entre a universidade e as escolas estaduais do município de Penedo/AL desde 2015. Nossa intenção com esse trabalho é a busca pela resolução de um problema que as professoras e os professores estão enfrentando todos os dias: como ensinar Biologia seguindo a perspectiva da Alfabetização Científica para os estudantes surdos na sala de aula regular sem excluí-lo?

Basicamente, nosso estudo foi estruturado com os seguintes propósitos: 1. Colocar e analisar os principais desafios que os professores informaram encontrar ao ensinar Biologia para os estudantes surdos em sala de aula regular; 2. Fornecer teorias, conceitos e exemplos que sirvam aos professores para formarem seu próprio juízo sobre os problemas apresentados e suas possíveis soluções; e, 3. Sugerir, a título experimental, algumas possibilidades didáticas para realização de aulas inclusivas seguindo a perspectiva da Alfabetização Científica.

Utilizamos como metodologia o estudo qualitativo e bibliográfico e como referencial teórico o construto de duas áreas: Ensino de Ciências pela via da Alfabetização Científica; e pela pedagogia inclusiva.

2. ENSINO DE CIÊNCIAS E ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

A questão que precisa ter uma resposta clara é: qual é a concepção de ciência que está presente no ensino de Ciências hoje? Além desta, quais são os vínculos entre ensino de ciências, mercado de trabalho, assalariamento das camadas médias, a desqualificação do trabalho moderno, a seletividade do ensino superior e a segregação e exclusão dos sujeitos surdos? A resposta é tão importante quanto o ato de ensinar, pois ela vai definir as ações docentes e indicar se a sua concepção de ciência está a favor do sujeito ou ao atendimento das demandas do mercado. Nesse contexto, Morin (2005) diz que é necessário pensar sobre a situação e o papel da ciência na sociedade, considerando que “a ciência é igualmente complexa porque é inseparável de seu contexto histórico e social” (MORIN, 2005, p. 8).

Para Arroyo (1988, p. 8), as concepções de saber presentes nos conteúdos transmitidos pelos mestres ignoram o que mais marca o educando, que é o cotidiano. Assim, o seu ensino precisa levar em consideração as aplicabilidades da ciência no contexto real do estudante, em sua cultura, servindo, sobretudo, para a atuação do sujeito na sociedade.

Nesse sentido, Sasseron (2015, p. 51), mostra que a Alfabetização Científica tem se configurado no objetivo principal do ensino das ciências na perspectiva de contato do estudante com os saberes provenientes de estudos da área e as relações e os condicionantes que afetam a construção de conhecimento científico em uma larga visão histórica e cultural. Para a pesquisadora,

Ensinar ciências, sob essa perspectiva, implica dar atenção a seus produtos e a seus processos. Implica oportunizar o contato com um corpo de conhecimentos que integra uma maneira de construir entendimento sobre o mundo, os fenômenos naturais e os impactos destes em nossas vidas. Implica, portanto, não apenas reconhecer os termos e os conceitos canônicos das ciências de modo a poder aplicá-los em situações atuais, pois o componente da obsolescência integra a própria ciência e o modo como dela e de seus conhecimentos nos apropriamos (SASSERON, 2015, p. 52).

Em linhas gerais, ensinar ciências seguindo essa concepção, implica em trazer para a sala de aula de Ciências o conhecimento que vai além dos termos e símbolos técnicos e atinge o que atrai o interesse do estudante, que é saber, por exemplo, *por que os antivirais comuns não servem no combate ao novo corona vírus? Como derrotar as bactérias e os vírus? Para que servem as vacinas? Por que é necessário repetir a dose da vacina contra algumas doenças? Por que algumas vacinas são aplicadas na coxa do bebê?*

Como defende Chassot (2018), é necessário ensinar ciências dentro de uma concepção que destaque seu papel social, mediante uma contextualização social, política, filosófica, histórica, econômica, e (também) religiosa. Sobretudo, inclusiva, acessível a todos os estudantes, surdos, ouvintes com e sem deficiência.

3. DESAFIOS DE ENSINAR BIOLOGIA PARA ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO MÉDIO

A comunidade surda brasileira vem conquistando avanços importantes em vários campos: na linguística, na política, no meio jurídico, no meio educacional, no convívio social, enfim, aos poucos a comunidade vem se fortalecendo e derrubando barreiras para se tornar efetivamente incluída na sociedade. Uma das barreiras a ser quebrada é a língua.

A língua portuguesa é uma unidade que se constitui de muitas variedades, então, dizer que todos os brasileiros falam o mesmo português é uma inverdade, na mesma proporção em que é falso afirmar que todos os surdos usam a mesma língua de sinais (GESSER, 2009, p. 30). Assim, é necessário reconhecer que no Brasil há duas línguas em uso e funcionamento: língua portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Segundo Gesser (2009) a comunicação dos surdos é visuo-espacial e a dos ouvintes oral-auditiva, além disso, o pesquisador afirma que a língua de sinais possui as características de uma língua e não se restringe ao alfabeto manual (GESSER, 2009, p. 24) e uma das conquistas mais importantes da comunidade surda foi a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que assegurou o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. A língua de sinais, diferente das línguas minoritárias não acabou e não acabará, pois é a forma natural dos surdos comunicarem-se, a perseguição não a aboliu, pelo contrário, fez com que se integrassem cada vez mais e houvesse a troca e o aperfeiçoamento desta.

Nesse contexto, Gesser (2009) nos explica que os surdos, em sua história, foram privados de utilizarem sua língua natural por muito tempo demonstrando a difícil relação com a sociedade ouvinte. A pesquisadora destaca que como os surdos não possuem a oralidade, logo, eram definidos como seres selvagens e para humanizar-se, de Aristóteles a Descartes, acreditava-se que o domínio da fala era o critério consensual.

Na Idade Média, por exemplo, os colégios forçavam o uso da língua oral ou leitura labial, caso não obedecessem às imposições da época, eram castigados, podendo até ter suas mãos amarradas para não sinalizar. Em resposta a toda a agressão sofrida, os surdos tiveram que recorrer a asilos e escolas internas para receberem educação, as políticas de exclusão eram claras. No Brasil a história não foi diferente. Gesser (2009) relata que a língua de sinais era vista como um código secreto e era usada às escondidas, pois era proibida.

Em 1855, um surdo francês chamado Ernest Huet chegou ao Brasil com o apoio do Imperador dom Pedro II para criar a primeira escola para surdos brasileiros. Segundo Gesser (2009), atualmente, a escola é denominada Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), localizada no Rio de Janeiro.

No campo educacional, os avanços significativos iniciaram a partir da década de 1990 quando as políticas de educação inclusiva começaram a ganhar força no cenário internacional por intermédio dos seguintes documentos: Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990); Declaração de Salamanca (1994); Convenção de Guatemala (1999); e no cenário nacional, destacam-se a Lei da Língua Brasileira de Sinais – Libras (2002); o Decreto nº 5.626/2005 que trata da implantação de Libras como disciplina curricular nos cursos de licenciatura em todo o Brasil (2005); a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008); a Convenção Internacional de Direitos da Pessoa com Deficiência (2009); e, a Lei Brasileira de Inclusão (2015). Assim, os direitos educacionais dos estudantes surdos foram se constituindo ao longo da nossa história, desde a promulgação da Constituição Federal (1988).

No entanto, apesar desses avanços, a inclusão dos estudantes surdos nas escolas regulares ainda enfrenta inúmeros desafios. Como nosso estudo se propõe a colocar e analisar os principais desafios que os professores informaram encontrar ao ensinar Biologia para os estudantes surdos em sala de aula regular, elencamos os seguintes problemas:

1. O docente de Biologia não tem clareza quanto ao processo de ensino e as abordagens psicológicas que ele pode utilizar para favorecer o processo de aprendizagem do estudante surdo.
2. O docente não foi preparado em sua formação inicial na concepção de ensino de Ciências e Biologia como função social. Assim, dificilmente, esse professor irá realizar suas aulas baseado nos princípios da Alfabetização Científica. Por exemplo, como trabalhar os conteúdos da área da ecologia (que aborda a interação entre ambiente e seres vivos, como a poluição, as estruturas dos ecossistemas) ou da anatomia e fisiologia humana (que estuda a estrutura e o funcionamento dos sistemas, tecidos e órgãos, abordando os temas de hipertensão, diabetes, obesidade) sem fazer relações com a realidade dos estudantes?
3. Ausência do intérprete de Libras. Alguns professores nos informaram que esse profissional não foi contratado, então, como garantir o ensino de Biologia se o professor não domina a língua e não pode contar com a tradução?
4. A especificidade do campo das Ciências, da simbologia, da compreensão dos termos específicos. Segundo Albres (2006), alguns conceitos não possuem sinais em Libras, o que torna um problema para o intérprete em sala de aula, que recorre a datilologia (que é o alfabeto manual ou soletramento das palavras em Libras), ocasionando em algumas vezes a não compreensão do termo pelo estudante surdo, acarretando na falta de interesse pelo conteúdo e, como consequência, um baixo rendimento escolar.
5. O capacitismo é questão importante a ser discutida, pois alguns professores, por não conhecer a língua e as potencialidades dos estudantes surdos, tem a concepção de que os surdos não aprendem e, como consequência, passam a ignorá-lo, ou tratá-lo como “coitadinho”.

Diante desses desafios, perguntamos: há possibilidades do professor ser inclusivo e ensinar Biologia na perspectiva da Alfabetização Científica? A resposta é sim, certamente. Na próxima seção iremos apresentar alguns caminhos como sugestão de trabalho para o professor ou para a professora interessada em refletir sobre sua vivência e prática pedagógica.

4. POSSIBILIDADES PARA ENSINAR BIOLOGIA AOS ESTUDANTES SURDOS

Na seção anterior comentamos os desafios de ensinar Biologia para os estudantes surdos e nessa seção iremos apresentar algumas teorias, conceitos e exemplos que sirvam aos professores para formarem seu próprio juízo sobre os problemas apresentados e suas possíveis soluções e sugerir, a título experimental, algumas possibilidades didáticas para realização de aulas inclusivas seguindo a perspectiva da Alfabetização Científica.

Assim, faremos alguns comentários retomando os desafios apresentados anteriormente.

Desafio 1: O docente de Biologia não tem clareza quanto ao processo de ensino e as abordagens psicológicas que ele pode utilizar para favorecer o processo de aprendizagem do estudante surdo.

Possibilidades: Compreender os processos de ensino e aprendizagem é uma parte essencial do trabalho docente. Nos cursos de formação inicial de professores, são apresentadas inúmeras abordagens, como as contribuições psicológicas de Skinner, de Jean Piaget, de Vygotsky, de Carl Rogers para a educação, no entanto, a discussão realizada ainda é insuficiente para subsidiar a prática. Assim, faz-se necessário que os cursos de licenciatura e as formações continuadas aprofundem esse debate. Para isso, podem ser realizadas leituras aprofundadas sobre as diferenças entre “ensinar” e “aprender” e o papel do professor em cada uma dessas abordagens e, assim, o docente definir a melhor abordagem para seguir. Como diz Aebli (1973):

A compreensão da natureza dos processos da aprendizagem permitirá ao professor adaptar a sua ação, e, portanto, suas aulas, às realidades psicológicas. Não apenas isto. O olhar do educador, aguçado pelos conhecimentos teóricos, reconhece também, mais clara e profundamente, a meta de sua própria ação. Sabe, exatamente, o que ele realmente deseja, e alcança sua meta facilmente e com mais segurança (AEBLI, 1973, p. s/p).

Dessa forma, o professor que dialoga com a psicologia tem mais possibilidades de realizar sua atividade de forma mais concisa, direta e segura.

Desafio 2: O docente não foi preparado em sua formação inicial na concepção de ensino de Ciências e Biologia como função social. Assim, dificilmente, esse professor irá realizar suas aulas baseado nos princípios da Alfabetização Científica.

Possibilidades: Ensinar e aprender Ciências não se restringe a transmitir e a decorar conceitos para fazer uma prova no final do semestre. A ciência precisa ser vivenciada pelos estudantes, experimentada, interpretada, levada para o cotidiano. Além disso, é necessário aproximar o conhecimento prévio que o estudante traz de suas experiências enquanto sujeito do conhecimento científico produzido, da relação entre ciência e tecnologia, ciência e meio ambiente. Nesse contexto, a Alfabetização Científica (CHASSOT, 2018; SASSERON, 2015).

Assim, é necessário investir na formação continuada de professores de Ciências Naturais para que esses possam compreender de forma significativa a Alfabetização Científica e como mudar sua forma de ensinar para garantir que os estudantes concluam o Ensino Fundamental alfabeticamente científicos, ou seja, é necessário que o professor entenda e pratique um ensino voltado para a investigação, para o conhecimento da realidade, para compreender a relação entre Ciência e Tecnologia, Ciência e Meio Ambiente, os impactos dos avanços científicos para a vida cotidiana dos estudantes;

Desafio 3: Ausência do intérprete de Libras. Alguns professores nos informaram que esse

profissional não foi contratado, então, como garantir o ensino de Biologia se o professor não domina a língua e não pode contar com a tradução?

Possibilidades: O que acompanhamos atualmente é a falta de tradutores e intérpretes de Libras em salas de aula das instituições públicas, como prevê a legislação brasileira (Lei 10.436/02 e Decreto 5.626/05). Para sanar esse problema seria necessário investir no processo de formação de tradutores/intérpretes e realizar concursos públicos de contratação para esses profissionais, pois sem eles, não existe educação inclusiva para os estudantes surdos.

Além dessas possibilidades essenciais, o professor poderá realizar algumas modificações comportamentais para melhorar o desempenho escolar dos estudantes surdos. Kroeff (2012) destaca quatro mudanças: 1) a posição do estudante na sala de aula; 2) o tamanho da classe; 3) o nível de ruído ambiental; e, 4) a fala do professor quanto ao nível de intensidade e clareza.

Desafio 4: A especificidade do campo das Ciências, da simbologia, da compreensão dos termos específicos. Segundo Albres (2006), alguns conceitos não possuem sinais em Libras, o que torna um problema para o intérprete em sala de aula, que recorre a datilologia (que é o alfabeto manual ou soletramento das palavras em Libras), ocasionando em algumas vezes a não compreensão do termo pelo estudante surdo, acarretando na falta de interesse pelo conteúdo e, como consequência, um baixo rendimento escolar.

Possibilidades: Recentemente, a Universidade Federal do Piauí publicou o primeiro Manual de libras para ciências trazendo os sinais para trabalhar os conceitos de célula e do corpo humano, contemplando os conteúdos: célula, tecidos, músculos, ossos, sistema circulatório, sistema urinário, sistema digestivo, sistema nervoso, sistema respiratório, sistema reprodutor feminino e sistema reprodutor masculino.

Para os organizadores da obra essa produção tem o objetivo de criar sinais para os termos de Ciências que não existem em libras, melhorando o ensino e a aprendizagem neste campo de conhecimento, além de servir de apoio para os profissionais de saúde, como médicos, enfermeiros, psicólogos, que também carecem dessas informações.

Essa obra encontra-se disponível gratuitamente no sítio eletrônico da universidade e quem se interessar pode fazer o download em: www.ufpi.br/e-book-edufpi.

Desafio 5: O capacitismo é questão importante a ser discutida, pois alguns professores, por não conhecer a língua e as potencialidades dos estudantes surdos, tem a concepção de que os surdos não aprendem e, como consequência, passam a ignorá-lo, ou tratá-lo como “coitadinho”.

Possibilidades: As ações pedagógicas que vem sendo realizadas em muitas escolas, tanto públicas quanto particulares, são excludentes e reduzem o potencial dos estudantes surdos e ouvintes. Investir no processo de formação de professores numa perspectiva inclusiva é o caminho que poderá sanar os problemas de capacitismo enfrentados pelos estudantes com deficiência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram descritos cinco desafios e possibilidades: 1) O docente de Biologia não tem clareza quanto ao processo de ensino, mas há possibilidade através das teorias psicológicas de Skinner, de Jean Piaget, de Vygotsky, de Carl Rogers para a educação.

2) O docente não foi preparado em sua formação inicial na concepção de ensino de Ciências e Biologia como função social, como possibilidade é necessário aproximar o conhecimento prévio que o estudante traz de suas experiências enquanto sujeito do conhecimento científico produzido.

3) Ausência do intérprete de Libras, mas há possibilidade para sanar esse problema seria necessário investir no processo de formação de tradutores/intérpretes e realizar concursos públicos de contratação para esses profissionais.

4) A especificidade do campo das Ciências, da simbologia, da compreensão dos termos específicos, mas há possibilidade utilizada na Universidade Federal do Piauí que publicou o primeiro Manual de libras para ciências trazendo os sinais para trabalhar os conceitos de célula e do corpo humano.

5) O capacitismo é questão importante a ser discutida, pois alguns professores, por não conhecer a língua e as potencialidades dos estudantes surdos, porém há possibilidade de investir no processo de formação de professores numa perspectiva inclusiva é o caminho que poderá sanar os problemas de capacitismo enfrentados pelos estudantes com deficiência.

Por fim, os professores devem levar em consideração as especificidades do processo de aprendizagem de todos os estudantes, surdos e ouvintes. Valorizando também o processo de conhecimento prévio do aluno e assim, possibilita o conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

AEBLI, Hans. **Prática de ensino**: formas fundamentais de ensino elementar, médio e superior. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma Educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 214 p.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, Dicei, 2002.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 30 de julho de 2020.

BRASIL. **Decreto 5.626/05**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>. Acesso em: 06 de agosto de 2020.

CHASSOT, A. **Alfabetização Científica**: questões e desafios para a educação. 8ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2018.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?**: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

ILES, Bruno; OLIVEIRA, Taiane Maria de; SANTOS, Rosemary Meneses dos; LEMOS, Jesus Rodrigues (orgs.). **Manual de libras para ciências**: a célula e o corpo humano. Teresina: EDUFPI, 2019.

KRASILCHIK, Myriam. **Ensino de Ciências e a formação do cidadão**. Brasília, ano 7, n. 40, out./dez. 1988

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Parte 1.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. 3.ed.rev. Florianópolis: Ed.da UFSC, 2013.148p.

XEREZ, Rogério Saraiva. **Direito fundamental à educação**: pessoas com deficiência e a educação inclusiva. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, 2015.

* **David Farias Silva**, Graduando em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas/*Campus* Arapiraca/Unidade Educacional Penedo. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Currículos e Diversidades (GEDIC/CNPq/UFAL) e do Grupo de Estudos em Educação, Inclusão e Aprendizagem (IDEIA/GEDIC/CNPq/UFAL).

** **Janayna Souza**, doutora e mestra em Educação, especialista em Psicologia Educacional e Neuropsicopedagogia, professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas, do *campus* Arapiraca, da Unidade Educacional Penedo. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Currículos e Diversidades (GEDIC/CNPq/UFAL) e coordenadora do Grupo de Estudos em Educação, Inclusão e Aprendizagem (IDEIA/GEDIC/CNPq/UFAL). E-mail: souzajanaynapaula@gmail.com.